

A questão afro-brasileira e a literatura brasileira: uma análise discursiva

Angela Maria Rubel Fanini

rubel@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Paulo Sandrini

paulosandrini@gmail.com

Centro Universitário Campus Uniandrade, Curitiba, Paraná, Brasil

RESUMO

Este artigo investiga como ocorre a recriação literária da vida negra em narrativas literárias brasileiras. Apresentaremos três obras da Literatura Brasileira em que a questão negra é tema, a saber, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana, e *Só as mulheres sangram*, de Lia Vieira. Focalizamos três personagens femininas, entendendo que, embora particularizadas, apresentando especificidades irredutíveis enquanto seres individualizados, também podem ser generalizadas visto que são seres sociais cujas histórias de vida estabelecem-se a partir de índices de classe social, gênero e etnia. Ao cabo dessas leituras, percebemos o quanto é necessário o contato com a literatura produzida por autoras negras cujas histórias de vida são bastante comuns a boa parcela da população brasileira. Sobre a linha do tempo, notamos que mesmo que o escravismo colonial tenha terminado, sendo o trabalho compulsório ilegal, a cultura escravocrata ainda perdura. A infraestrutura muda, mas no terreno da superestrutura, ou seja, das ideias e sua mobilização social concreta nas atitudes cotidianas, o preconceito e o racismo ainda existem, todavia são passíveis de penalização criminal. A pesquisa pode contribuir para fortalecer o universo da leitura e da literatura, especificamente na área de Letras, entregando ao leitor a possibilidade de entender melhor o seu entorno. Firmina, Bianca e Vieira nos ajudam nessa caminhada das Humanidades.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. Questão negra. Autoras negras. Maria Firmina. Bianca Santana. Lia Vieira.

SELEÇÃO DO CORPUS E JUSTIFICATIVA

Este artigo, intitulado A questão afro-brasileira e a literatura brasileira: uma análise discursiva, visa investigar como ocorre a recriação literária da vida negra em narrativas literárias brasileiras. Essa representação se dá a partir de diversos ângulos em que afloram variadas ideologias a que as escritoras estão vinculadas. Para este artigo, apresentaremos três obras da Literatura Brasileira em que a questão negra é tema importante, a saber, *Úrsula*ⁱ, de Maria Firmina dos Reis, *Quando me descobri negra*ⁱⁱ, de Bianca Santana, e *Só as mulheres sangram*ⁱⁱⁱ, de Lia Vieira. Focalizaremos três personagens femininas, entendendo que, embora particularizadas, apresentando especificidades irreduzíveis enquanto seres individualizados, também podem ser generalizadas visto que são seres sociais cujas histórias de vida estabelecem-se a partir de índices de classe social, gênero e etnia. Essas personagens têm vida particularizada, mas também se conectam a outras vidas semelhantes. Em uma obra literária, essa dualidade é bastante comum, ou seja, as personagens têm vida própria, mas também pertencem a certos extratos sociais e culturais que as identificam socialmente. Ater-nos-emos, em *Úrsula*, à personagem Susana; em *Só as mulheres sangram*, a uma personagem feminina sem nome, vista pela ótica da terceira pessoa, e, finalmente, em *Quando me descobri negra*, à personagem narradora.

A análise se justifica em decorrência de que a literatura é fonte de conhecimento de nossa história. O discurso literário não é desvinculado da realidade^{iv}, pois o escritor ou escritora se posiciona sobre o que vive e o que observa a partir de seus escritos. Esses escritos são testemunhos e interpretações da realidade. A questão negra no Brasil tem sido estudada por sociólogos, historiadores^v e pode também ser percebida a partir da literatura. Os autores Queiroz (1982); Azevedo (1987); Reis (1989) e Slenes (2011), que embasam esta investigação no tocante aos dados historiográficos sobre a História Negra no Brasil, apontam para a resistência negra. Há outro campo da historiografia de base econômica em que o povo negro é percebido mormente como objeto de troca e venda dentro do sistema escravista. Nessa perspectiva, os historiadores, adeptos desse patamar, descrevem o homem escravizado como objeto quase inerte de ação e resistência. Percebem-no dentro do universo do comércio internacional e local e na condição de propriedade de outrem. Aqui, o escravizado é dado praticamente sem volição. O sistema econômico suprime sua família, suas raízes, seu sentido de pertencimento, imprimindo-lhe uma característica objetual. Essa historiografia é sobejamente conhecida. Já os historiadores aqui citados tratam do dia a dia dos escravizados, dentro do parâmetro econômico escravista, mas demonstrando as lutas, as resistências a partir de dados que comprovem essa agência dos escravizados. Por exemplo, estuda-se a constituição da família escrava, as lutas, os dados de cartórios sobre crimes, suicídios, cartas de alforria, fugas, envolvendo negros e negras, comprovando-se que no real da existência não eram objetos oprimidos o tempo todo, mas agentes de sua existência. A literatura também conta essa luta cotidiana a partir de personagens que negociam com os patrões, fogem, insurgem-se, libertam-se. Por esse motivo, a importância de o texto literário ir para as salas de aula e agregar-se ao ementário das disciplinas do Ensino Fundamental e Médio. Desse modo, estudando esse discurso literário, poderemos levar a uma maior conscientização social dos alunos e professores, trazendo uma nova perspectiva sobre a questão negra uma vez que foi a partir de

seres humanos escravizados, advindos de várias regiões da África, que boa parte da economia e da cultura de nosso país se formou. É preciso levar textos que contêm as histórias negras no Brasil para dentro das salas de aula, contribuindo assim para uma visão mais holística da História Nacional. A literatura pode iluminar essa questão a partir de romances, contos e poemas sobre a questão negra. Sabemos que há base legal^{vi} para a introdução de estudos negros nas salas de aula. Entretanto, a materialização da lei só ocorre à medida que mobilizamos o estudo concreto sobre essa questão. É nesse bojo que propomos a análise aqui a ser encetada.

1. CAMINHOS DE ANÁLISE E PERSPECTIVA TEÓRICO-POLÍTICA

Iniciaremos pelo século XIX em que impera o escravismo econômico. O trabalho compulsório é derogatório e inclui os seres humanos escravizados, sobretudo advindo de várias partes do continente africano. As discussões sobre escravismo e abolicionismo ocorriam no dia a dia brasileiro e faziam parte do cotidiano nacional dos mais variados locais e meios de comunicação: jornais, feiras, cafés, tribunas. Maria Firmina dos Reis, em *Úrsula*, participa dessa discussão pública e a vivencia, fazendo migrar essa problemática para o interior de seus textos literários. Suas personagens experienciam a escravatura tanto em termos econômicos quanto culturais. O romance aqui em tela assume importância como documento de época e de escrita feminina em ambiente patriarcal. Firmina foi trabalhadora imaterial (da palavra), professora e coloca a sua escrita em prol de uma narrativa de resistência.

Analisaremos de modo bibliográfico também duas narrativas do século XXI, comprovando-se que a sociedade e a cultura escravocratas ainda persistem, baseadas, sobretudo, na supremacia branca de origem escravocrata, embora o trabalho compulsório, mediante o escravismo econômico já não tenha base legal. Schwarcz (1993) trata das disputas discursivas de final do século XIX e início de XX sobre a questão negra, destacando a luta discursiva e de posicionamento legal e ideológico, sobretudo, dentro das instituições de ensino no Brasil (Faculdade de Direito e de Medicina, por exemplo). Teorias racistas pseudocientíficas circulavam nas instituições de ensino e no parlamento, destacando-se perspectivas monogenistas e poligenistas sobre a origem do homem. A teoria da mestiçagem como fator nefasto e enfraquecedor das aptidões humanas protagonizava as discussões. E as teorias do embranquecimento fortaleciam a vinda de emigrantes brancos para a país em substituição do braço escravo, recentemente liberto. Esse substrato ideológico vem até nossos dias com o fortalecimento da supremacia branca.

Santana e Vieira são escritoras negras que narram essa persistência, mas também descrevem a luta negra de oposição a isso. Tratam do que vivenciam, inscrevendo suas obras na perspectiva da escrevivência^{vii}. Esse termo é usado por outra intelectual negra, Conceição Evaristo, para quem a literatura é também uma recriação biográfica. Entende a biografia como crônica social, ou seja, o escritor escreve sobre o que vivencia e o recria a partir de sua pena. Longe se está de uma visão formalista da literatura em que o sujeito discursivo deve se mascarar, evitando falar sobre si e a teoria deve dar conta de classificar esse narrador que difere do autor histórico, a partir de uma dada nomenclatura, definindo-o como

narrador intradieético ou extradieético. Essa visão formalista do texto literário ainda persiste, como se o discurso literário fosse ausente de referencial histórico e ideológico e o autor não estivesse inserido em coordenadas históricas. Todo discurso é uma tomada de posição ideológica frente a uma dada audiência social sobre determinado assunto. O emissor discursivo tem coordenadas axiológicas e se posiciona de modo não neutro em relação ao que escreve ou fala.

Aqui, seguimos os filósofos da linguagem de orientação marxista, Bakhtin e Volochinov^{viii} (1986), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, para quem a linguagem, na sua forma discursiva, é campo de resistência e de luta. A perspectiva adotada advoga uma teoria materialista da linguagem, embasando-se, sobretudo, nos filósofos russos, para quem o signo linguístico reflete e refrata o real. Essa reflexão é dada, no entanto, por inúmeras mediações entre o sujeito e o objeto, a saber, de classe social, etnia, ideologia, faixa etária, nível cultural. A linguagem diz as coisas e de certo modo. O discurso é sempre pessoal e social, ou seja, parte de alguém localizado socialmente cujas experiências moldam a forma e o conteúdo. As escritoras aqui selecionadas escrevem sobre o que pensam acerca da questão negra de um ponto de vista interno à medida que contam suas experiências, ou seja, sua escrevivência. Suas narrativas refletem o contexto e o refratam, pois são a um só tempo únicas em decorrência das experiências particularizadas de cada uma e também são partilhadas socialmente uma vez que os escritos se formalizam sobre o contexto comum brasileiro.

2. AS PERSONAGENS FEMININAS E SUA REPRESENTATIVIDADE SOCIAL

Na obra *Úrsula*, temos uma narrativa de resistência, escrita no século XIX, por uma escritora negra, em que se contam as desventuras dos sujeitos escravizados em uma fazenda do nordeste brasileiro. Ali, os negros e negras têm voz, ação e relevante papel na fábula. Embora seja uma narrativa sentimental em que os percalços sociais impedem a realização do amor entre a heroína e o herói brancos, ocorre a formalização de importante discurso contra a escravidão à medida que as personagens negras interferem na ação e se mostram como sujeitos de suas vidas, todavia em meio hostil do cativo. A obra é considerada o primeiro romance abolicionista nacional.

Para este artigo, focalizaremos a personagem negra Susana, cuja voz e atitude direcionam boa parte da fábula, contribuindo para a resolução dos conflitos ali existentes. Na fala de Susana, em seus diálogos com as demais personagens, a escritora produz um certo conhecimento literário sobre a vida na África antes da escravidão, em que se percebe que os africanos tinham sua cultura, família, estabilidade econômica, suas terras e propriedades. Não viviam em tribos primitivas, sem ordenamento social, relação de parentesco, desprovidos de técnicas de sobrevivência no campo e nas cidades. Também narra a captura dos negros e negras em África e a desagregação familiar em consequência desse aprisionamento e a vinda dos escravizados nos navios negreiros, em que não só o sofrimento é detalhado, mas também a resistência e os motins que muitos praticavam na ânsia por libertação. A resistência de alguns se dava inclusive pelo suicídio. Também descreve a venda e comercialização dos escravos que adentram

o solo nacional e a dura lida nas fazendas mediante o trabalho compulsório diuturno e os castigos infligidos. Apesar desse cenário inóspito, também descreve os rearranjos familiares em terras brasileiras e, por diversas vezes, destaca o sentimento e o pertencimento negro, solidarizando-se com a irmandade escravizada.

Na passagem seguinte, a personagem, tendo voz própria, narra essas desventuras ao escravo Túlio, de quem se torna uma espécie de segunda mãe, reestruturando, no cativo, parte de sua família que deixara em África. O parentesco, no Brasil, se funda, sobretudo, por laços de amizade e por necessidade de proteção de uns em relação aos outros, visto que muitos foram alijados de suas famílias de sangue no momento de sua comercialização. Esses rearranjos fortaleciam toda uma rede de proteção e acolhimento negro.

Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. Túlio estava ante ela com os braços cruzados sobre o peito. Em seu semblante transparecia um quê de dor mal reprimida, que denunciava o seu profundo pesar. A velha deixou o fuso em que fiava, ergueu-se sem olhá-lo, tomou o cachimbo, encheu-o de tabaco, acendeu-o, tirou dele algumas baforadas de fumo, e de novo sentou-se: mas dessa vez não pegou no fuso. Fitou então os olhos em Túlio, e disse-lhe: — Onde vais, Túlio?

Vou contar-te o meu cativo. Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la... Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!... Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da

Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que nos escaldou e veio dar a morte aos cabeças do motim. A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. Não sei ainda como resisti – é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam. O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (Reis, p. 68-69)

A personagem Susana é bem construída na narrativa e sua fala é orgânica às suas experiências de vida. Embora o registro discursivo seja formalmente semelhante às outras falas (linguajar culto da Língua Portuguesa próximo ao registro escrito para todas as personagens), não sendo individualizado, percebemos que sua narrativa trata de questões pessoais e também sociais pertinentes ao cativo, no Brasil, e a vida livre em África. A partir dela, temos acesso a toda uma discussão oitocentista sobre trabalho compulsório e vida do escravo do eito e doméstico no interior das fazendas do Estado do Maranhão. Esse registro semelhante para todas as personagens é algo recorrente nas narrativas oitocentistas. À medida que o romance vai se firmando no campo literário, as falas vão se individualizando, sendo construídas de modo mais personalizado para cada personagem. Mas isto não é comum nos primórdios de nossas Letras nacionais. Firmina, com certeza, dá início a essa grande jornada do discurso literário, abrindo caminho para se contar sobre a escravidão.

Em *Só as mulheres sangram*, narrativa composta de nove capítulos curtos, temos situações cotidianas tanto negativas como de prisão e de morte de cidadãos negros (“Por que Nicinha não veio?”, “He Man”, “Operação Candelária”, “Provas para o Capitão”); violência contra mulheres (“Foram sete”), quanto de eventos formais positivos como seminários e palestras em que intelectuais negros se apresentam (“Os limites do Moinho”), discursando sobre os mais variados temas e formação de lideranças negras (“Maria Déia”; “Rosa da Farinha”). Também se narra a vida cotidiana nos morros, nas favelas e nos conjuntos habitacionais em que a vida, a luta e a cultura negras afloram (“A paixão e o vento”), mostrando o preconceito, mas também a força de resistência.

Ater-nos-emos ao capítulo 1. “Por que Nicinha não veio?”, em que a narrativa se passa em um presídio feminino e conta uma situação de desencontro. A filha apenada, presa com base no artigo 157 (roubo sem qualificação de latrocínio), se encontra à espera da vinda da mãe para a visita. Entretanto, essa não aparece, pois se acidentou na vinda e acabou falecendo. A narrativa é comprimida, composta de 2 (duas) páginas apenas. A personagem filha não tem nome e o narrador vê e conta a partir, sobretudo, da ótica da enclausurada. A narrativa não dá voz diretamente à personagem, mas narra a partir dela. Essa estratégia parece se justificar à medida que sabemos da solidão da personagem. Ela não tem um círculo de amizade na prisão. Isso a faz viver mais calada, envolta em recordações, ensimesmada. Essa situação também corrobora sua mudez. Não tem com quem falar, pois sua única confidente era a mãe. A linguagem é concisa, narrando em poucas palavras toda uma situação sentimental entre elas e na qual o encontro finda com a morte da única pessoa que visitava a detenta.

No excerto a seguir, temos a exemplificação dessa linguagem em que o sinal de menos é mais, ou seja, o registro discursivo é telegráfico em consonância com a aspereza da situação: a visita é vigiada, por tempo exíguo, em local inóspito, público, permitindo pouca expansão de sentimentos e conversas longas. A voz da mãe, via narrador, comparece uma única vez, entre aspas, no registro “coisinha especial”. Essa economia se ajusta à situação, visto que se narra a ausência derradeira da mãe. A voz oficial da instituição, informando a morte da mãe, também ocorre na narrativa, sinalizando para a impessoalidade no tratamento e para a ausência total de solidariedade para com a detenta. Essa narrativa se constrói como particularizada, pois aí se destacam as vidas e os relacionamentos específicos de duas personagens enlaçadas pelo parentesco e pela amizade, mas também sinaliza para uma situação generalizada que acomete as mulheres negras de estratos sociais humildes que são presas em nosso país.

Exemplificamos com alguns trechos da narrativa para destacarmos a economia discursiva que se ajusta à situação árida narrada: A ligação de mãe e filha, assim se conta: “Única amiga, cumpriam juntas a pena. Uma dentro, outra fora das grades. Não faltava nunca. Tinha sempre uma ‘coisinha especial’” (Vieira, 2017, p. 15). Ainda: “Nicinha jamais fizera julgamento do seu gesto, nunca censurara ou se referira ao acontecido” (*idem, ibidem*). A informação da morte da mãe, dada de forma seca e impessoal:

“O tempo se excede. Terminado o horário de visitas. Todas recolhidas. Em seu armário, um bilhete pregado: ‘Nicinha não virá mais. Foi atropelada no percurso até aqui. Mais informações na Administração’” (Vieira, 2017, p.16).

Essa linguagem concisa é traço dominante na escritura dos contos, mas sobretudo nesse trecho exemplificado, confirma-se a ligação do discurso com a referência. A situação narrativa descreve um ambiente inóspito e solitário em que não caberia um registro discursivo longo e detalhado. Já nas narrativas em que se conta a agência negra, ocupando liderança cultural ou política, a linguagem acompanha organicamente o status das personagens cujas vozes emitidas são capazes de mobilizar uma reflexão maior sobre si e o contexto.

Em *Quando me descobri negra*, a obra se compõe de falas negras que tratam de experiências do cotidiano em que o racismo se explicita. A narrativa é bastante comprimida, perfazendo 96 páginas e distribuída em 3 partes, das quais temos: Parte 1: “Do que vivi”; Parte 2: “Do que ouvi”; Parte 3: “Do que pari”. São falas e situações do cotidiano, sobretudo de mulheres negras, relatando como sofreram, mas, sobretudo, como resistiram ao preconceito racial e de gênero. Nesse sentido é uma obra positiva que destaca a agência negra e não a passividade aos infortúnios, como este artigo vem enfatizando. A linguagem vai narrando, relatando, descrevendo, destacando situações reais a que os leitores também já presenciaram ou vivenciaram. Nesse sentido é um livro de teor realista, seguindo o que outra escritora negra, já aqui referenciada, enfatizou, ou seja, a escrevivência.

Seguindo a delimitação necessária do *corpus*, selecionamos o capítulo “Que corajosa por vir com esse turbante” para análise. Nessa micronarrativa, a personagem negra principal pertence à classe social privilegiada, tem formação formal universitária. A situação é laboral e a personagem é consultora na área de educação para fins de projetos sustentados por organismos internacionais. Na ocasião da consultoria, a personagem se veste de modo discreto, mas se adorna com um turbante. Esse ato é visto como corajoso pelos demais, comprovando-se o preconceito racial. O uso de um turbante, índice de identidade negra, passa a ser considerado desafiador. Essa situação gera toda uma reflexão sobre o racismo estrutural que exige a invisibilidade da cultura e afirmação negras. O turbante passa por uma resignificação, e, em vez de sinalizar para algo positivo, que está concernente com a cultura negra, é visto como algo negativo, que afronta, que desafia, que desesteabiliza o poder. O objeto sofre um redimensionamento, adquirindo contornos perigosos. O nível de violência dessa situação é bastante claro e explícita a cultura escravocrata. O ato de contar essa narrativa é de resistência, levando os leitores e leitoras a refletirem sobre essa tentativa de enfraquecimento da tradição negra. Provavelmente, se fosse um objeto pessoal vinculado a outras etnias (japonesa, italiana, alemã ou outras) não haveria esse tipo de desaprovação. Na sequência, trazemos um pequeno trecho que exemplifica a situação analisada:

No patriarcado, a mulher que quer ser reconhecida pela inteligência e pelo profissionalismo não pode se adornar. Além disso, no senso comum, negra não pode ser consultora, bem remunerada, especialista em tema específico, com livro publicado e algum reconhecimento. E se uma negra está nessa inusitada situação, o que se espera dela é que, no mínimo, alise ou prenda o cabelo. Com ou sem turbante, mostrar-se diferente é mesmo um ato de coragem. (Bianca, 2015, p. 30-31)

Na obra, há outras situações narrativas em que se explicita o preconceito contra o negro e a negra, que ocorre em livrarias, restaurantes, universidades, locais em que o racismo também viceja. Ali, as personagens são questionadas sobre a sua função social naqueles lugares. Parece que, nesses espaços, os negros são bem-vindos se estiverem a servir, ocupando lugares definidos e fixos. São interrogados sobre o porquê de estarem a comprar livros, a sentar-se em uma mesa de restaurante fino e sofisticado e a fazer palestras em seminários e

conferências. Essas personagens, embora com poder econômico e de educação formal para frequentarem esses lugares, são ali mal-vistas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cabo dessas leituras, percebemos o quanto é necessário o contato com a literatura produzida por autoras negras cujas histórias de vida são bastante comuns a boa parcela da população brasileira. Sobre a linha do tempo, notamos que mesmo que o escravismo colonial tenha terminado, sendo o trabalho compulsório ilegal, a cultura escravocrata ainda perdura. A infraestrutura muda, mas no terreno da superestrutura, ou seja, das ideias e sua mobilização social concreta nas atitudes cotidianas, o preconceito e o racismo ainda existem, todavia são passíveis de penalização criminal.

As narrativas também demonstram, para além do sofrimento físico e psicológico impostos pelo racismo, que não podem ser minimizados, uma concreta resistência negra que se dá pela luta, pela agência e não pela passividade. As escritoras são prova disso uma vez que, providas de educação formal, usam de sua pena como forma de resistência, recontando a História Nacional de um ponto de vista interno, explicitando-se como intérpretes da questão negra. É preciso buscar ler mais sobre nossa História a fim de que possamos iluminar o presente no sentido de tornar a sociedade menos monológica, recuperando e fortalecendo dentro da sala de aula a diversidade cultural. As pesquisas devem contribuir para fortalecer o universo da leitura e da literatura, especificamente na área de Letras, entregando para o leitor a possibilidade de entender melhor o seu entorno. Firmina, Bianca e Vieira nos ajudam nessa caminhada das Humanidades.

Afrobrazilian issue and Brazilian literature: a discursive approach

ABSTRACT

This article aims to investigate how the literary recreation of black life occurs in Brazilian literary narratives. We present three works of Brazilian Literature in which the black question is an important theme, namely, *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, *Quando me descobri negra*, by Bianca Santana, and *Só as mulheres sangram*, by Lia Vieira. We focus on three female characters, understanding that, in particularized work, presenting irreducible specificities while beings, they can also be generalized since they are social beings whose life histories are established from social class, gender and ethnicity indices. After these readings, we realized how much contact is needed with the literature produced by black authors whose life histories are quite common to a good portion of the Brazilian population. On the timeline, we notice that even though colonial slavery has ended, and compulsory work is illegal, slave culture still endures. The infrastructure changes, but in the field of the superstructure, i.e. of ideas and their concrete social mobilization in everyday attitudes, prejudice and racism still exist, but are liable to criminal punishment. The research can contribute to strengthen the universe of reading and literature, especially in the area of Letters, giving the reader the possibility to better understand its surroundings. Firmina, Bianca and Vieira help us on this journey of the Humanities.

KEYWORDS: Brazilian Literature. Black question. Black authors. Maria Firmina. Bianca Santana. Lia Vieira.

NOTAS

ⁱ REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. Disponível em: <https://www.mariafirmina.org.br/>. Acesso em 20 out. 2018. Todas as citações se referem a essa edição.

ⁱⁱ VIEIRA, Lia. *Só as mulheres sangram*. 2 ed. Nandyala, 2017. Todas as citações se referem a essa edição.

ⁱⁱⁱ SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: Martins Fontes, 2015. Todas as citações se referem a essa edição.

^{iv} Aqui seguimos Bosi (2002) e Candido (1985), teóricos para quem a literatura se conecta à realidade, pois, segundo eles, os intelectuais se posicionam, em suas obras, sobre o que observam na sociedade em que estão inseridos. Esses dois pensadores são reconhecidos nacionalmente como intelectuais da linha sociológica em que se advoga a interação orgânica entre literatura e realidade.

^v Amparamo-nos em Queiroz (1982); Azevedo (1987); Reis (1989); Schwarcz (1993) e Slenes (2011), cujas obras tratam da resistência e agência negras nos conflitos racistas.

^{vi} A resistência negra sempre existiu no Brasil desde os primórdios da vinda dos africanos escravizados. Isso é sobejamente documentado em vários livros de História Nacional, mediante o estudo de compra de cartas de alforria, constituição de quilombos, fugas, fortalecimento da família escrava etc. Entretanto, os movimentos civis de resistência negra têm se multiplicado ultimamente. Algumas conquistas sinalizam para esse cenário, tais como: a promulgação da Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira; a Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio; A Lei n.º 12.519, de 10 de novembro de 2011, que instituiu o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra; o estabelecimento da Lei 12.711/2012, que criou as cotas para ingresso em cursos superiores e a implantação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR), em março de 2013.

^{vii} Maria da Conceição Evaristo de Brito é escritora, ensaísta, poetisa e romancista (Belo Horizonte, 1946). Para ela, a interação entre a vida pessoal e a obra literária está no cerne de sua escrita. A título de exemplo, segue seu testemunho em que se destaca tal interação: “Então, como pessoa que sofre uma série de interdições, por ser negra, mulher, oriunda das classes populares, a cada oportunidade que me surge, não posso e nem quero me silenciar sobre esses assuntos. E creio que a minha voz, pronunciada desde ‘dentro’ dessas experiências, adquire outro tom. Há algo que ultrapassa a compreensão intelectual.” (<https://www.bn.gov.br/es/node/1774>). Entrevista com Conceição Evaristo.

^{viii} Esses pensadores tratam da linguagem tendo como pano de fundo histórico ativo o contexto ditatorial stalinista do século XX. Sua obra se opõe ao cenário autoritário de um partido único, de uma ideologia exclusiva e de uma cultura dirigida e monológica. Acreditam que, a partir da supra-estrutura cultural, incluindo a linguagem em sua concreta circulação e vida social, pode-se alterar a realidade, opondo-se ao ambiente monológico. Para isso, é necessário entender a linguagem, e aqui também o discurso literário, como forma de contestação e resistência. Essa base teórica nos fornece amparo para pensar as narrativas de autoras negras como formas de luta em contexto de racismo estrutural.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites- Século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- MATTOSO, Katia Queiroz. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia. Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- VIEIRA, Lia. **Só as mulheres sangram**. 2 ed. Nandyala, 2017.

Recebido: 20 mai. 2022

Aprovado: 15 dez. 2022

DOI: 10.3895/rl.v24n45.15509

Como citar: FANINI, A.M.R.; SANDRINI, Paulo H.C. A questão afro-brasileira e a literatura brasileira: uma análise discursiva. *R. Letras*, Curitiba, v. 24, n. 45 p. 84-95, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

